

11 A 13  
DE DEZEMBRO  
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL  
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia  
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)

11º Seminário de Agroecologia e  
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



## **Economia Solidária e suas contribuições para a construção e fortalecimento da Agroecologia**

João Manoel da Silva; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Campus Santana do Ipanema; Email: agrobio.jm@gmail.com

Érika Sabrina Felix Azevedo; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Campus Santana do Ipanema; Email: erika.azevedo@ifal.edu.br

Clayton dos Santos Silva; Universidade Federal de Pernambuco; Email: clayton.ssilva@ufpe.br

Rafael dos Santos Balbino; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Campus Santana do Ipanema; Email: rafael.balbino@ifal.edu.br

**Linha de Pesquisa:** Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento.

### **1 Introdução**

A economia solidária e a agroecologia representam duas abordagens que desafiam o modelo econômico hegemônico, buscando alternativas mais justas e sustentáveis para a sociedade e o meio ambiente. A economia solidária, que envolve práticas de autogestão e cooperação, caracteriza-se pela organização coletiva e pela distribuição equitativa dos resultados econômicos. Segundo Singer (2015), a economia solidária “proporciona uma resposta ao desemprego e à precarização do trabalho, ao oferecer aos trabalhadores o protagonismo na criação e gestão de seus empreendimentos”. Esse modelo tem ganhado espaço, especialmente em regiões vulneráveis economicamente, como uma forma de promover inclusão e autonomia.

Por sua vez, a agroecologia visa transformar as práticas agrícolas para torná-las mais sustentáveis e adaptadas às realidades locais, promovendo um sistema de produção que respeita os ciclos naturais e reduz a dependência de insumos externos. Para Altieri (2012), a agroecologia “integra saberes tradicionais e modernos com o objetivo de fortalecer

ecossistemas agrícolas que sejam ambientalmente equilibrados, socialmente justos e economicamente viáveis”.

A convergência entre economia solidária e agroecologia surge como uma alternativa capaz de promover o desenvolvimento sustentável no meio rural e urbano, estimulando a organização coletiva e a prática de uma agricultura que respeite os ecossistemas e as comunidades.

Diante disso, objetivou-se por este estudo explorar as contribuições da economia solidária para a construção da agroecologia, analisando os benefícios e os desafios dessa interação. O estudo visa compreender como a economia solidária pode atuar como uma base de apoio para a expansão e fortalecimento da agroecologia, promovendo práticas agrícolas e econômicas que respeitem o meio ambiente e sejam socialmente justas.

## **2 Metodologia**

Esse estudo caracteriza uma abordagem teórica, descritiva e dialética por meio da discussão bibliográfica por meio do Interacionalismo (ou Interacionismo) Simbólico. Conforme Gil (2008), este método o enfatiza que os símbolos e a interação devem ser os principais elementos a serem considerados na investigação social. E como os símbolos e significados são forjados pelos atores sociais, requer-se o conhecimento da natureza reflexiva dos sujeitos.

## **3. Dos atravessamentos e intersecções entre duas ciências**

### **3.1 Economia Solidária**

A economia solidária é uma prática socioeconômica que busca uma alternativa ao modelo capitalista tradicional, centrando-se em valores como cooperação, autogestão e solidariedade. Segundo Singer (2015), a economia solidária "não busca o lucro como finalidade última, mas sim o bem-estar coletivo e a inclusão social de seus participantes". Para Singer, essa prática se estrutura a partir de empreendimentos autogestionários, em que os trabalhadores possuem controle direto sobre as decisões econômicas e organizacionais, rompendo com a hierarquia rígida típica das empresas convencionais.

Medeiros (2016) observa que "a economia solidária oferece oportunidades para populações historicamente excluídas, proporcionando a essas pessoas uma chance de autonomia econômica e de participação social". Essa inclusão reflete o compromisso da economia solidária com a justiça social e o combate às desigualdades estruturais. Segundo França Filho (2002), "a economia solidária não se limita ao aspecto econômico, mas se

preocupa também com a sustentabilidade ambiental, adotando práticas produtivas que minimizem os impactos no meio ambiente". Em muitos casos, os empreendimentos solidários adotam práticas sustentáveis, alinhadas com a agroecologia e outras formas de produção ecológica, demonstrando que é possível crescer economicamente sem degradar o meio ambiente.

Além disso, a economia solidária valoriza os saberes locais e o conhecimento popular, fortalecendo a cultura e a identidade das comunidades onde está inserida. Conforme explica Gaiger (2004), "ao valorizar os saberes e a cultura locais, a economia solidária reforça a identidade coletiva e o pertencimento dos trabalhadores ao seu território". Isso é especialmente importante em áreas rurais, onde o conhecimento tradicional pode ser uma fonte de inovação e resiliência econômica.

Portanto, esta abordagem nos permite compreender que a economia solidária representa um modelo econômico alternativo que desafia as estruturas capitalistas ao adotar práticas de autogestão, solidariedade e cooperação. Por meio da inclusão social, da sustentabilidade e da valorização dos saberes locais, ela busca construir uma economia centrada no ser humano e no respeito ao meio ambiente. Como afirma Singer (2015), "a economia solidária é um movimento que visa transformar as bases econômicas e sociais, construindo uma sociedade mais justa e sustentável para todos".

### **3.2 Agroecologia**

A agroecologia é uma abordagem científica, prática e social que se dedica ao estudo e ao desenvolvimento de sistemas agrícolas sustentáveis e resilientes. Segundo Altieri (2012), "a agroecologia incorpora princípios ecológicos para criar sistemas agrícolas que se assemelham aos ecossistemas naturais, com a menor dependência possível de insumos externos".

Uma das características centrais da agroecologia como ciência é a valorização do conhecimento tradicional e local, que desempenha um papel fundamental na adaptação das práticas agrícolas às realidades sociais e ambientais específicas. De acordo com Altieri e Nicholls (2000), "o conhecimento tradicional dos agricultores locais é uma base essencial para o desenvolvimento de sistemas agroecológicos, pois incorpora práticas adaptadas ao contexto ecológico e social da região". Esse enfoque permite que a agroecologia integre o conhecimento acadêmico e o saber popular, resultando em práticas que respeitam a diversidade cultural e biológica.

A agroecologia como ciência enfatiza que a agricultura deve beneficiar as comunidades locais e não apenas maximizar a produtividade. Conforme observa Petersen (2009), "a

agroecologia incorpora uma perspectiva social, buscando garantir que os sistemas agrícolas também promovam a dignidade e o bem-estar dos agricultores".

Dadas estas discussões e partindo da compreensão de que a agroecologia é uma ciência multifacetada, permite-nos compreender que ela, como ciência, integra conhecimentos ecológicos, sociais e econômicos para promover uma agricultura sustentável, adaptada ao meio ambiente e às necessidades das comunidades. A contribuição científica da agroecologia tem sido fundamental para o desenvolvimento de sistemas agrícolas que respeitam os limites naturais e promovem a soberania e segurança alimentar, bem como a autonomia dos povos.

### **3.3 Economia solidária como fortalecedora da Agroecologia**

Ambas as abordagens compartilham valores e objetivos comuns, como a valorização do trabalho coletivo, a autogestão e o respeito ao meio ambiente. De acordo com Gaiger (2004), "a economia solidária oferece uma base de organização que favorece a implementação de práticas agroecológicas, pois ambas se fundamentam na cooperação e na sustentabilidade". Essa sinergia fortalece a capacidade dos agricultores de resistir às pressões do mercado convencional, garantindo maior autonomia e estabilidade econômica.

Na economia solidária, os produtores trabalham coletivamente e compartilham os frutos de seu trabalho, enquanto na agroecologia, o objetivo é desenvolver uma agricultura que funcione em harmonia com o ambiente natural. A combinação dessas práticas permite que os agricultores e as comunidades locais criem redes de produção e comercialização mais justas e sustentáveis. Segundo Altieri (2012), a agroecologia busca não só a sustentabilidade ambiental, mas também a justiça social, que é facilitada pelo modelo econômico solidário. Esse alinhamento fortalece a resiliência das comunidades ao oferecer alternativas ao modelo agrícola industrial, que geralmente gera dependência de insumos e desconsidera as necessidades locais.

Um dos principais pontos de convergência entre a economia solidária e a agroecologia é o incentivo ao protagonismo e à valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades. Medeiros (2016) observa que "a economia solidária possibilita a valorização do saber local, que é essencial para o sucesso das práticas agroecológicas". O conhecimento acumulado pelos pequenos produtores ao longo do tempo é fundamental para o desenvolvimento de técnicas agrícolas sustentáveis, pois está diretamente adaptado às condições locais de solo, clima e biodiversidade. Dessa forma, ambos os movimentos promovem a construção de alternativas agrícolas enraizadas nas realidades socioeconômicas e ambientais de cada região.

Outro aspecto importante dessa relação é a construção de circuitos curtos de comercialização, que favorecem tanto os produtores quanto os consumidores. Silva e Oliveira

(2018) destacam que "a economia solidária, ao apoiar o comércio local e justo, amplia o acesso dos consumidores a produtos agroecológicos, livres de agrotóxicos e de intermediários". Esses circuitos curtos não apenas reduzem a distância entre produtor e consumidor, mas também permitem que os agricultores recebam uma parcela maior do preço final dos produtos. Isso fortalece a economia local e cria laços mais diretos e solidários entre as partes envolvidas, promovendo um consumo mais consciente e responsável.

Além disso, a economia solidária proporciona o suporte necessário para que os produtores agroecológicos resistam às pressões do mercado e à competição com o agronegócio convencional. Segundo Singer (2002), "a economia solidária cria condições para que os pequenos agricultores se organizem e se protejam da concentração de mercado e da exploração". Essa organização coletiva é fundamental para garantir a sustentabilidade dos empreendimentos agroecológicos, que geralmente enfrentam dificuldades em competir com grandes produtores, especialmente no acesso a crédito e a canais de comercialização convencionais.

A relação entre economia solidária e agroecologia também fortalece o papel das mulheres na agricultura, promovendo sua autonomia e participação ativa nas decisões coletivas. Carvalho e Leitão (2009) afirmam que "a economia solidária e a agroecologia têm o potencial de transformar as relações de gênero no campo, pois favorecem a organização e a valorização do trabalho das mulheres". Em muitas comunidades rurais, as mulheres desempenham papéis centrais na produção de alimentos e na gestão dos recursos naturais, e sua inclusão nos processos decisórios enriquece e fortalece o movimento agroecológico.

A agroecologia, apoiada pela economia solidária, incentiva a produção de alimentos para o autoconsumo e para o abastecimento de mercados locais, o que reduz a dependência de alimentos importados ou produzidos em larga escala. Gaiger (2004) destaca que "a economia solidária, ao apoiar práticas agroecológicas, contribui para a construção da soberania alimentar, promovendo sistemas alimentares que respeitam a cultura e a diversidade local". Esse modelo permite que as comunidades tenham maior controle sobre o que produzem e consomem, fortalecendo sua resiliência frente a crises econômicas e ambientais.

A sinergia entre essas duas abordagens permite que as comunidades locais desenvolvam alternativas resilientes ao modelo agrícola convencional, promovendo a sustentabilidade ambiental e o bem-estar social. Como ressalta Altieri (2012), a integração entre economia solidária e agroecologia tem o potencial de transformar não apenas o setor agrícola, mas também as bases econômicas e sociais da sociedade como um todo.

### **3.4 Benefícios da Economia Solidária para a Agroecologia**

A economia solidária oferece uma base de suporte econômico e organizacional que beneficia significativamente a implementação e a expansão da agroecologia. Um dos principais benefícios é a criação de redes cooperativas e coletivas de produção e comercialização, que permitem aos agricultores agroecológicos enfrentar as limitações impostas pelo mercado convencional. Segundo Gaiger (2004), "a economia solidária possibilita que os produtores se organizem de maneira cooperativa, criando condições para que possam competir com maior equidade no mercado". Através dessa organização, os agricultores compartilham recursos e conhecimentos, reduzindo custos e fortalecendo sua presença em mercados locais e regionais.

Outro benefício relevante da economia solidária para a agroecologia é o suporte à comercialização direta, que reduz a dependência de intermediários. Ao estruturar mercados locais e circuitos curtos de comercialização, a economia solidária permite que os agricultores agroecológicos alcancem os consumidores de forma mais direta e obtenham uma parcela maior do valor dos produtos. Segundo Silva e Oliveira (2018), os circuitos curtos de comercialização proporcionados pela economia solidária ajudam a fortalecer a agricultura sustentável, garantindo aos produtores uma remuneração mais justa e incentivando o consumo consciente. Esse modelo de comercialização também contribui para a criação de um relacionamento mais próximo entre produtores e consumidores, fortalecendo a confiança e o apoio mútuo.

Para Singer (2002), a autogestão é um dos pilares da economia solidária e possibilita que os trabalhadores tenham maior controle sobre suas atividades econômicas. No contexto da agroecologia, a autogestão permite que os agricultores planejem suas atividades agrícolas de acordo com princípios ecológicos e sociais, respeitando o meio ambiente e as necessidades da comunidade. Isso contrasta com a lógica do agronegócio convencional, onde a busca pelo lucro muitas vezes se sobrepõe à preservação ambiental e à justiça social.

A inclusão social é um benefício central que a economia solidária traz para a agroecologia, já que ambas as abordagens priorizam a participação de grupos historicamente marginalizados, como mulheres, jovens e comunidades tradicionais. Medeiros (2016) aponta que "a economia solidária cria oportunidades para a inclusão social no campo, promovendo a valorização e o respeito à diversidade cultural e social". Esse enfoque inclusivo permite que a agroecologia se expanda para diferentes grupos e regiões, promovendo a justiça social e econômica e fortalecendo a coesão social nas comunidades agrícolas.

Ao promover o cooperativismo e a autossuficiência econômica, a economia solidária permite que os agricultores reduzam sua dependência de créditos e insumos externos, frequentemente caros e inacessíveis. De acordo com França Filho (2002), "a economia solidária

promove uma sustentabilidade financeira que contribui para que os agricultores agroecológicos possam se sustentar sem recorrer a empréstimos onerosos". Esse modelo reduz a vulnerabilidade dos agricultores a oscilações do mercado e à pressão de dívidas, fortalecendo a sustentabilidade econômica dos empreendimentos agroecológicos.

Além disso, a economia solidária incentiva a inovação social e o desenvolvimento de tecnologias adaptadas às condições locais, o que beneficia diretamente a agroecologia. Segundo Altieri e Nicholls (2000), "a agroecologia se baseia na adaptação e na inovação, e a economia solidária favorece esse processo ao promover o intercâmbio de conhecimentos entre os produtores". Ao valorizar o saber local e a troca de experiências, a economia solidária facilita a criação de práticas e tecnologias agroecológicas adequadas a cada contexto, respeitando as especificidades culturais e ambientais de cada região.

A segurança alimentar é um impacto positivo da economia solidária na agroecologia, pois ambas as práticas promovem a produção de alimentos saudáveis e acessíveis. Ao incentivar o cultivo diversificado e o autoconsumo, a economia solidária contribui para a segurança alimentar das comunidades locais. De acordo com Petersen (2009), "a agroecologia e a economia solidária promovem a segurança alimentar ao estimular a produção de alimentos sem agrotóxicos e adaptados às condições locais". Essa prática garante alimentos de qualidade para as comunidades e reduz a dependência de alimentos industrializados, frequentemente mais caros e menos saudáveis. Segundo Lechat (2010), "a economia solidária estimula a economia local, promovendo um sistema de produção e consumo mais equilibrado e ecológico". Isso resulta em uma menor pegada de carbono associada ao transporte e, ao mesmo tempo, fortalece o desenvolvimento econômico local.

#### **4 Conclusões**

A economia solidária se mostra como uma base essencial para a agroecologia ao promover princípios como a autogestão, a cooperação e a solidariedade, que são fundamentais para a consolidação de um sistema agroecológico de sucesso. Por outro lado, a agroecologia contribui para a economia solidária ao oferecer um sistema produtivo baseado na sustentabilidade e na diversidade, em oposição ao modelo convencional do agronegócio. A agroecologia valoriza o conhecimento tradicional e local, respeita os ciclos naturais e promove o uso racional dos recursos. Dessa forma, o modelo agroecológico se alinha diretamente com os princípios da economia solidária, pois reforça a autonomia dos agricultores e fortalece o vínculo entre as comunidades e o meio ambiente. Este estudo reforça que a combinação entre

agroecologia e economia solidária pode ser fundamental para construir um modelo agrícola que respeita as diversidades ambientais e sociais do Brasil.

## 5 Referências

- ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. **Agroecologia e o desenvolvimento de uma agricultura de base sustentável**. Brasília: MDA, 2000.
- CARVALHO, José Luís; LEITÃO, Lourdes M. **Economia Solidária e Agroecologia**: Fundamentos e Práticas. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST e agroecologia**: desafios e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **Economia Solidária**: Reinventando o Negócio. São Paulo: Contexto, 2002.
- GAIGER, Luiz I. **Sentidos e possibilidades da economia solidária**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LECHAT, Noémie. **Economia Solidária**: Uma Perspectiva Internacional. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.
- MEDEIROS, Marcelo. **Economia Solidária e Políticas Públicas no Brasil**. Brasília: IPEA, 2016.
- PETERSEN, Paulo. **Construindo a Agroecologia no Brasil**: da Resistência à Construção de Alternativas. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- SILVA, Antonio M.; OLIVEIRA, Rafael B. **Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária**: Caminhos para a Agroecologia. Recife: Editora UFPE, 2018.
- SINGER, Paul. **Economia Solidária no Brasil**: A Autogestão como Resposta ao Desemprego. São Paulo: Contexto, 2015.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Contexto, 2002.